

Uma turbinada no sonho de Dom Bosco

Profecia sobre Brasília, em 1883, teria sido usada como estratégia para vender o planalto goiano como melhor lugar para construir a nova capital. Missão Cruls demarcou área em 1893

RICARDO RAMOS

Desde os primeiros movimentos nativistas do período colonial, no século XVIII, os brasileiros almejavam transferir a capital federal para o interior do País. O mártir da Inconfidência, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792), desejava que a nova capital fosse sediada em São João Del Rey (MG), a 300 quilômetros de Belo Horizonte.

No império, em 1831, o primeiro parlamentar a legislar em defesa da mudança da capital foi o paraense João de Deus e Silva. Antes, em 1823, o patrono da Independência, José Bonifácio de Andrada, já havia bradado a transferência, mas, apenas em 1891, com a primeira constituição republicana, é que os planos de transferência viraram lei. O artigo 3º, resultado de uma emenda do deputado Lauro Müller (SC), citava o "Planalto Central" como ideal para a capital, o que debelou uma acirrada disputa entre goianos e mineiros.

Os mineiros entendiam que o oeste de Minas Gerais situava-se no "Planalto Central" e defendiam a construção da capital no Triângulo Mineiro, que dispunha de terras férteis e malha rodoviária. Enquanto o planalto goiano, segundo os mineiros, com o cerrado e terras pobres, não tinha acesso. Entretanto, o local escolhido pela conhecida Missão Cruls, em 1893, foi justamente em Goiás, entre os municípios de Formosa e Água Fria. À época, o grupo comandado pelo astrônomo e geógrafo Luís Cruls demarcou uma área de 14.400 metros quadrados para o futuro Distrito Federal e fez estudos sobre clima, topografia, flora e fauna locais.

Mas o primeiro presidente civil, Prudente de Morais (1894-1898), desrespeitou o primado constitucional e, ao não dar verbas, impediu que Cruls concluísse sua segunda missão, em 1895, quando fazia estudos mais detalhados sobre a área escolhida para a futura capital. Por um bom tempo o sonho ficou esquecido. A aliança política dos paulistas com os mineiros da República Velha (1889-1930), conhecida como Café com Leite, paralisou as mudanças. Posteriormente, o presidente Getúlio Vargas fez pior: suprimiu o artigo 3º da "Polaca", a constituição do Estado Novo. A interiorização da capital foi esquecida durante a ditadura de Vargas.

Com a democratização em 1946, o presidente Eurico Gaspar Dutra volta a colocar em vigor, após a Assembléia Nacional Constituinte, o artigo que previa o DF no interior de Goiás. Dutra cria ainda a comissão presidida pelo geógrafo Djalma Polli Coelho, a fim de promover os estudos de escolha do local para ser edificada a nova capital.

Inicia-se novamente a luta entre os goianos – representados na comissão por Jerônimo Coimbra Bueno (o construtor de Goiânia) – e os mineiros, capitaneados na mesma comissão por Lucas Lopes e na Câmara dos Deputados por Israel Pinheiro.

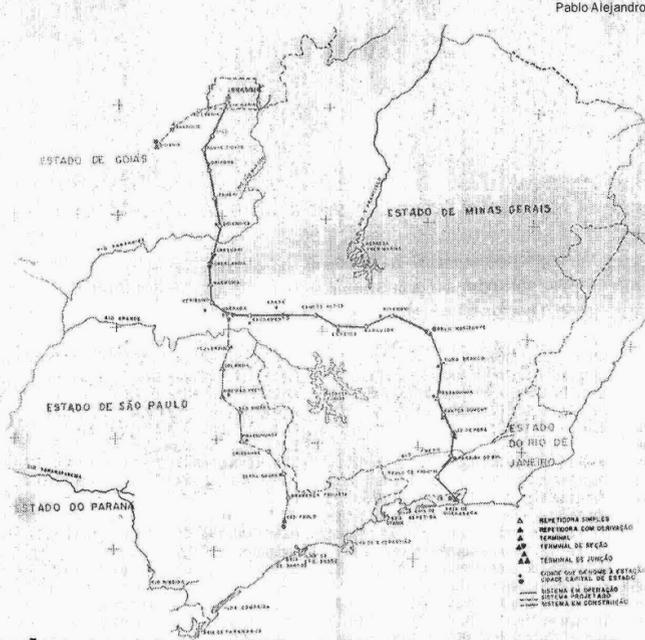
Minas Gerais tenta novamente levar a nova capital para o Triângulo Mineiro. Enquanto o general Polli Coelho e Coimbra Bueno torcem pelo quadrilátero delimitado por Luís Cruls, em 1893, no Planalto Central. O deputado Lucas Lopes, antes de fazer parte da comissão, realizou estudo em que apontou o Triângulo Mineiro como ideal. Juscelino Kubitschek, à época deputado constituinte, inclusive requereu em 20 de maio de 1946 a inserção do trabalho de Lucas nos arquivos da Câmara dos Deputados.

– Foi o primeiro ato de Juscelino que indicou a preferência pela solução mineira – comentou o Lourenço Fernando Tamanini, autor de vários livros sobre a capital, entre eles *Brasília: Memória da Construção*.

O trabalho de Lucas levou o deputado Benedito Valladares a propor emenda à Constituição em que transferia a capital para "a região central do país compreendida entre o rio Parnaíba e o rio Grande". Disfarçadamente, o Triângulo Mineiro.

Curiosamente, os parlamentares goianos apoiaram a mudança. Mas, posteriormente, assinaram requerimento, liderados pela bancada capixaba, para suprimir a expressão "compreendida entre o rio Parnaíba e o rio Grande" da emenda de Valladares, já transformada no art. 4º das Disposições Transitórias da Constituição. O requerimento foi aprovado em plenário, mas o mineiro Israel Pinheiro, insatisfeito, pediu verificação da votação. Comprovou-se a aprovação do destaque por apertados 108 a 102 votos.

Em 1956, já presidente, Juscelino Kubitschek encaminhou ao Congresso o projeto de lei que criava a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e que previa o Distrito Federal no planalto goiano. Mas Os parlamentares de Goiás, no entanto, continuavam preocupados, já que, dez dias depois de encaminhar o projeto, Juscelino viajava a Uberaba para participar da festa de centenário da cidade. E eles sabiam a força do lobby mineiro.



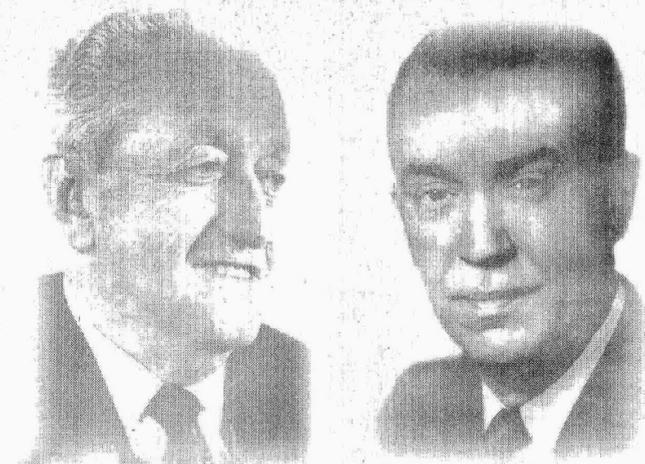
MISSÃO Cruls escolheu, em 1893, o planalto goiano para criação do DF

ERMIDA Dom Bosco foi inaugurada em 1957 em homenagem ao padre italiano



SAO JOAO BOSCO, que profetizou uma civilização no interior do Brasil, de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15º, onde se localizará a nova Capital Federal. Nasceu a 16 de agosto de 1815, em Becchi, minúsculo grupo de casa; da vila de Murialdo, pertencente ao município de Castelnuovo d'Asti, Itália. Fez-se sacerdote em 5 de junho de 1841. Fundou a Sociedade dos Salesianos a 18 de dezembro de 1859, e faleceu a 31 de janeiro de 1888, quando contava 72 anos, em Turim (Itália).

DOM BOSCO teria sonhado com a terra prometida em 1883



SEGUNDO o livro *Brasília: Memória da Construção*, Israel Pinheiro e JK eram inicialmente favoráveis à construção de Brasília em Minas Gerais

JUSCELINO Kubitschek recebe das mãos de Israel Pinheiro, primeiro prefeito de Brasília, a chave da cidade



A queda do Triângulo Mineiro

Temendo o poder dos deputados de Minas Gerais dos prefeitos da região do Triângulo Mineiro, todos presentes às comemorações dos 100 anos de Uberaba, governador de Goiás, Juca Ludovico, montou uma "operação de guerra". Primeiro, comprou todos os espaços do único jornal da cidade, o *Lavoura e Comércio* e todo o tempo da única emissora de rádio local no dia de maio de 1956, quando Juscelino estaria em Uberaba hospedado na casa de João Prefeito, prefeito da cidade. De manhã cedo, Juca foi ao encontro do presidente, que interpelou-o:

– Ô Juca, estou sabendo que naquela terra (da nova capital) não dá nem abóbora?

O governador de Goiás tremeu. Porém, emendou:

– Presidente, se o senhor procura terra pra plantar abóbora, milho, feijão existem outras melhores. Mas se for pra construir a nova capital, melhor não existe não, como dizem os relatórios de todas as Comissões.

Juscelino, convencido por Juca, jamais voltou a tocar no assunto.

Ao mesmo tempo, o prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, se dirigiu ao Grande Hotel, onde estava hospedado Israel Pinheiro. Sob o braço, trazia o livro *A Nova Capital do Brasil – Estudos e Conclusões*, um livro encomendado a pedido de Juca Ludovico com todos os pronunciamentos de personalidades que versaram a favor da mudança da capital para Goiás.

A peça de abertura do livro incluía o sonho-visão do padre italiano Dom Bosco, em 30 de agosto de 1883. Na capa, estava escrito:

"São João Bosco, que profetizou uma civilização no interior do Brasil, de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15º, onde se localizará a nova Capital Federal."

Todos sabiam da devoção de Israel Pinheiro pelo padre italiano. Mais tarde, materializado na construção da Ermida Dom Bosco, inaugurada em 1957. Por isso, pensavam os goianos, se Israel soubesse que o padre italiano antevira o surgimento da capital no planalto goiano e não em Minas, apoiaria a solução de Goiás.

No momento em que o prefeito de Goiânia viu Israel no Grande Hotel, entrou com ele no elevador. Segurava junto ao peito o exemplar do *A Nova Capital do Brasil...*, de maneira que o deputado mineiro, grande amigo de Juscelino, lesse a capa com a profecia de Dom Bosco. Ao ver o livro, Israel não se conteve:

– Ô moço, podia me emprestar esse livro?

Venerando Borges, passando-se por desconhecido, ofereceu o livro a Israel:

– Doutor Israel, eu tenho outro exemplar, pode ficar com este.

Desde o dia 3 de maio de 1956, os principais mineiros, Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, se renderam à solução goiana.

A expliação de um sonho

Segundo o livro *Brasília: Memória da Construção*, de Lourenço Fernando Tamanini, o livro *A Nova Capital do Brasil...*, com pronunciamentos das personalidades brasileiras que pediam a mudança da capital para o planalto goiano, foi encomendado pelo governador de Goiás, Juca Ludovico, a seu amigo Segismundo Mello. Ele procurou, primeiro, Alfredo Nasser, importante homem público goiano, que havia escrito um artigo defendendo a transferência para Goiás utilizando como argumentação o sonho de Dom Bosco, de 1883. Nasser, porém, não se lembrava do artigo, muito menos onde poderia encontrar informações sobre o tema.

Segismundo, então, procurou seu cunhado Germano Roriz, grande amigo dos salesianos, para obter uma cópia em português do sonho com o padre Cleto Caliman, que era da Congregação dos Salesianos. Com a tradução em mãos, Segismundo se decepcionou. O que havia do sonho resumia-se ao seguinte trecho:

"Entre os graus 15 e 20, aí havia uma enseada bastante extensa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Nesse momento disse uma voz repetidamente:

– Quando se vierem a escavar as minas escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível."

Com a falta de referência explícita à grande civilização, Segismundo pediu para o padre Cleto que desse "um jeito" para que a visão tivesse um sentido de cidade, de civilização. A resposta do padre foi um "talvez", mas as conseqüências das alterações correriam por conta e risco de Segismundo. Porém, ele decidiu reproduzir o livro conforme o original. Mas o livrinho seria publicado com uma foto do padre Dom Bosco e na legenda seria dito algo mais:

"São João Bosco, que profetizou uma civilização, no interior do Brasil, de impressionar o mundo, à altura do paralelo 15, onde se localizará a nova Capital Federal."

Essa fala se transformou na versão "oficial" do sonho-visão de Brasília. Juscelino acrescentou a palavra grande, segundo o livro *Brasília: Memória da Construção*. O pioneiro Ernesto Silva, 88 anos, no entanto, rebate as afirmações contidas no livro de Tamanini, todas documentadas.

– Eu interpreto o sonho como uma profecia. Mas sonhos ligados a igreja, às vezes não são comprovados.